

ORALIDADE E ESCRITA: ANÁLISE DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Ana Letícia Vaz Pereira¹
Natália Canuto do Nascimento²
Orientador Prof. Ms. Artarxerxes Modesto

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o processamento oral em um história em quadrinhos, ressaltando sua importância para os estudos das relações entre língua oral e língua escrita.

PALAVRAS-CHAVE: fala, escrita, oralidade.

ABSTRACT: *This paper aims to analyze the oral processing in a comic book, emphasizing its importance for studies of the relationship between oral and written language.*

KEY WORDS: *speech, writing, speaking.*

Segundo o site Almanaque Gigante, histórias em quadrinhos “... são uma sequência de quadros que expressam uma história, informação, ação, etc [...] que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos [...] publicadas no formato de revistas, livros ou em tiras publicadas em revistas e jornais...” (DIAS, 2009).

Levando-se em conta que a origem das histórias em quadrinhos remonta dos escritos pictóricos da pré-história, tem-se uma ampla visão da influência social das HQs.

Portanto, a relevância em utilizar-se desse tipo de recurso em sala de aula é totalmente justificada, pois além de preencher requisitos básicos pelo seu lado lúdico, algumas histórias trabalham temas passíveis de discussões interessantes em sala de aula, independente da faixa etária do aluno, como por exemplo, as do brasileiro Maurício de Sousa que tratam de temas mais próximos aos alunos, de maneira leve e mesmo assim eficaz.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade do Litoral Sul Paulista – FALS

² Graduanda em Pedagogia pela Faculdade do Litoral Sul Paulista – FALS

Sem esquecer também de sua utilidade para trabalhar a questão da oralidade e escrita, já que em geral, essas historinhas mostram situações do cotidiano, nas quais utilizamos linguagem informal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma **postura**. [grifo do autor] (Marcuschi, 1997)”*

Utilizando-se dos quadrinhos em sala de aula, o professor cria uma gama de possibilidades para aprimorar sua prática quando se tratando de linguagem oral e escrita, pois é indiscutível que muitos professores ainda se vêem em dificuldade ao ter de tratar o tema oralidade e escrita.

“... oralidade e escrita configuram um continuum tipológico, caracterizado, de um lado, pelas peculiaridades de cada uma dessas modalidades e, de outro, pelas semelhanças percebidas em diversos gêneros - o que faz com que às vezes se torne bastante difícil definir o limite entre elas. Assim, por exemplo, um bilhete, apesar da forma escrita, guarda muitas semelhanças com uma conversa informal, e uma conferência, embora oral, se parece com um texto formal escrito...”(Santos, 2008)

Com isso, podemos estabelecer outro paralelo, mesmo as histórias em quadrinhos sendo *escritas*, utilizam-se de uma maneira típica de retratar a linguagem oral/informal, levando-se em conta ainda que utiliza-se de desenhos para criar diálogos que envolvem falantes, porém

sem espontaneidade haja visto que são previamente planejadas dentro de um enredo com início, meio e fim, com personagens característicos, espaço e tempo que fazem parte de um quadro maior para se desenvolver determinado tema.

Além disso, o professor pode ver nos quadrinhos também o incentivo ao hábito da leitura, pois deve-se compreender que ainda hoje, a escrita faz parte de uma visão elitizada que separa a população em grupos de leitores (futuramente críticos) e não-leitores, como cita-nos Marcuschi em Oralidade e Escrita:

“A supervalorização da escrita, sobretudo a escrita alfabética, leva a uma posição de supremacia das culturas com escrita ou até mesmo dos grupos que dominam a escrita dentro de uma sociedade desigualmente desenvolvida.”

Ou seja, a língua é instrumento social com o qual nosso aluno deve saber lidar desde os primeiros contatos, visando uma boa base para a verdadeira valorização dessa ferramenta para o futuro.

ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A HQ a ser analisada narra um episódio da Turma da Mônica, personagens de Maurício de Sousa, que retrata Mônica e sua turma, crianças em idade pré-escolar, por volta de sete anos de idade.

A história escolhida é constituída de 46 quadrinhos em um único capítulo e se intitula “Cebolinha em O Fofó” e narra o dia em que o Cebolinha tentou ser fofó para impressionar as meninas do bairro e ser admirado.

Já no título nota-se uma palavra com significado tipicamente informal, muito usado na fala, para definir alguém que é admirado por qualidades positivas, fofo.



No quadrinho acima, vemos um exemplo de texto falado, pois o personagem começa a divagar sozinho, um tipo de fala egocêntrica comum em crianças menores, mas que muitos adultos ainda fazem. Lembrando que o foco não é analisar a gramática, esse é o jeito que o Cebolinha fala, e linguagem formal e informal não é o foco deste trabalho, mas sim oralidade e escrita. Ainda vemos um marcador conversacional quando ele diz: *Pla que...*

No quadrinho oito, bem como em tantos outros exemplos, presenciamos expressões típicas da fala como, por exemplo, quando ele diz: *Tá bom...*, demonstrando um conformismo reforçado pela imagem dele curvado.



Outro exemplo que marca a oralidade é quando o autor escreve da maneira que falamos: *Quequié?*



Nos quadrinhos 18 e 19 o personagem 'fofo' da história utiliza-se da repetição para poder enfatizar suas qualidades fazendo uma paráfrase com a expressão 'tem que'.



Vale ressaltar ainda que ele utiliza termos bem informais como 'borogodó' e 'tcham' típicos da oralidade, bem como um marcador conversacional 'táligado?'

Algumas vezes ainda, devido ao modo como é marcado no quadrinho, podemos perceber se o personagem está hesitando, gritando, sendo irônico, como nos exemplos abaixo retirados dos quadrinhos 21e 44.

**HESITAÇÃO****IRRITAÇÃO**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso concluímos que, para se trabalhar uma conscientização de que oralidade e escrita podem sim completar uma a outra, o profissional da educação deve estar amparado em teorias fundamentais de especialistas, reciclar-se e principalmente compreender o que eles dizem e não apenas reproduzirem frases feitas, já que o educador tem como deve moldar cidadãos críticos que devem ser incentivados desde muito jovens ao hábito da leitura.

A questão da oralidade deve ser trazida para dentro da sala de aula, utilizada constantemente como ferramenta de aproximação da linguagem oral e escrita, uma ponte a ser constantemente atravessada pelos alunos que estão descobrindo a língua que eles já conhecem no seu dia-a-dia é mesma disseminada nos corredores de seu ambiente escolar. O aluno deve entender toda essa diversidade, e só então, dentro da escola, identificar os usos e variantes de sua língua. E é nisso que o uso das histórias em quadrinhos trabalham, a aproximação natural da língua escrita, ou a oralização da escrita.

O professor deve estar preparado para essas práticas que completam sua didática e deve vê-las não como ameaça no mundo moderno, visão comum entre professores de longa data acostumados a certos tipos de métodos tradicionais, mas como um apoio, uma variante que complementa tudo aquilo que ele já vem exercendo em sua rotina.

BIBLIOGRAFIA

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7396/5262>. Acessado em 24 de março de 2011.



Periódico de Divulgação Científica da FALS
Ano V - Nº X - MAR / 2011 - ISSN 1982-646X

SANTOS, Leonor Werneck dos. *Oralidade e escrita nos PCN de Língua Portuguesa*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viisenefil/08.html>. Acessado em 24 de março de 2011.